

Maioria não tem acesso aos bancos

Na Drogaria Flor do Xavante, na Rua Beriberi, em São Francisco — bairro pobre da Baixada Fluminense —, o dono Sidnei Guimarães lamenta as vendas: “Aqui só se compra Novalgina. Pobre quando fica doente se interna, não compra remédio. Também, o dinheiro só dá para comer muito mal e ir trabalhar”, reflete Sidnei. A sua simplória estatística de venda não está incluída em nenhuma pesquisa ou índice oficial que meça o impacto da inflação no bolso do trabalhador. Mas é capaz de revelar a parte mais cruel desta história: a grande maioria dos brasileiros ganha somente para trabalhar e comer mal — e muito mal.

Apesar dos indicadores sociais e econômicos de que é a alimentação o item prioritário na divisão do orçamento em qualquer faixa salarial, na prática o dinheiro que é cuidadosamente separado é o da passagem para o trabalho. O da alimentação é gasto de imediato. Mas antes do mês acabar, a geladeira já ficou vazia.

O *vale* — adiantamento salarial — é que se torna o único mecanismo de defesa contra a inflação desses brasileiros. E é pura ilusão, porque *vale* não rende juros — só empurra a dívida. Ao contrário das classes média e alta, eles não têm acesso aos mecanismos financeiros, como aplicações e cartões de crédito.

Caderneta — Para se proteger da inflação diária, quem ganha salário mínimo, por exemplo, praticamente não tem opção no mercado financeiro. A popular caderneta de poupança pode até exigir pouco — o Bradesco exige Cr\$ 300 mil. “Mas quem, dentro daquela faixa salarial, conseguiria a *proeza* de deixar Cr\$ 300 mil parados por 30 dias?”, questiona o economista Dionísio Carneiro, do Departamento de Economia da PUC.



Edward Amadeo

Para abrir uma conta corrente, por exemplo, a exigência de renda mínima na agência 1º de Março do Bradesco — o maior banco privado de varejo — é de Cr\$ 4 milhões. Já os cartões de crédito — principal mecanismo de defesa da classe média — exi-

gem, em média, cinco salários mínimos, que equivalem hoje a mais de Cr\$ 6 milhões.

O fundo, por sua vez, que em contrapartida tem exigência de aplicação mínima menor, só pode ser usado por quem tem conta corrente. Neste labirinto financeiro só entra pobre que tem conta salário. E ninguém sai. “Quem ganha salário mínimo carrega a inflação no bolso”, diz Dionísio Carneiro.

Seu colega da PUC, Edward Amadeo, endossa: “O conceito de mais caro ou mais barato está associado à renda da pessoa. E a inflação é um bicho danado, porque ela come a renda do pobre de duas maneiras — diariamente, pela perda do poder de compra do salário mínimo, e pelo chamado imposto inflacionário, ou seja, se você esquecer Cr\$ 100 no bolso no dia 1º, no dia 30 vale menos de Cr\$ 75. E o pobre deixa o dinheiro no bolso por falta de opção.”